

OS ANÉIS DE CRESCIMENTO DA CULTURA: VIDA E EXPERIÊNCIA EM NIETZSCHE

Leonardo Augusto Catafesta¹

RESUMO: No aforismo 272 de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche apresenta a intrigante tese que a história humana dos últimos trinta mil anos pode ser sintetizada nos primeiros trinta anos da vida de um homem. O filósofo alemão, então com 33 anos completados, se baseia em suas próprias vivências para interpretar as principais fases da história. Nietzsche anuncia cinco estágios que coincidem com o seu desenvolvimento, pessoal e filosófico, até o presente momento: 1) a crença religiosa; 2) a destituição dessa crença; 3) a inclinação à metafísica; 4) a ilusão artística; 5) a investigação científica. O objetivo dessa comunicação é expor, primeiramente, como essa tese nietzschiana acerca da história humana está em sintonia com sua própria história, para, assim, elucidarmos a importância da ciência dada por Nietzsche em *Humano, demasiado humano*, que o permite fazer tal experimento. Ao examinarmos a vida do filósofo, percebemos a ocorrência dos cinco estágios descritos acima: 1) por advir de uma família de pastores protestantes, essa tinha a pretensão de moldar, através da educação, na instrução religiosa, para que Nietzsche também pudesse seguir o ofício de pastor; 2) tarefa não levada adiante, pois Nietzsche decide estudar filologia ao invés de teologia, pois, nesse momento, os pressupostos cristãos não lhe faziam mais sentido; 3) ocorre o contato e o encanto com a filosofia de Schopenhauer; 4) em seguida, se torna amigo e seguidor de Wagner, dedicando seu primeiro livro ao músico alemão; 5) enaltece a ciência, a história e psicologia como instrumentos imprescindíveis para a investigação filosófica. O título conferido ao aforismo, a saber, *Os anéis de crescimento da cultura individual*, revela que o percurso descrito não deve ser entendido de maneira linear, mas circular. No entanto, o filósofo adverte para a importância de passar pelos estágios descritos, sobretudo, o estético, desaconselhando saltar da religião para a concepção científica. Cabe, assim, averiguarmos a importância do quinto e último estágio nesse período da reflexão nietzschiana.

Palavras-chave: Nietzsche. Humano, demasiado humano. Filosofia histórica.

INTRODUÇÃO

Em 1878, Nietzsche publica *Humano, demasiado humano*, obra que traz uma grande inovação tanto às posições filosóficas como à maneira de apresentar essas

¹ Doutorando em filosofia. UNIOESTE. leonardocatafesta@yahoo.com.br

posições: nesse escrito o autor inaugura o estilo aforismático², ao mesmo tempo que se distancia por completo das influências da metafísica e do romantismo que permeiam os escritos filosóficos precedentes, representados nas figuras de Schopenhauer e Wagner, respectivamente. No aforismo 272 da obra em questão, chama atenção uma tese lançada pelo filósofo alemão de que a história humana dos últimos trinta mil anos “costuma suceder nos primeiros trinta anos da vida de um homem” (NIETZSCHE, 2000, p. 171). Vejamos a argumentação do autor:

As fases habituais da cultura espiritual que se atingiu ao longo da história são recobradas pelos indivíduos de modo cada vez mais rápido. Atualmente eles começam a entrar na cultura como crianças movidas pela religião, e aos dez anos de idade atingem talvez a vivacidade maior desse sentimento, depois passando a formas mais atenuadas (panteísmo), enquanto se aproximam da ciência; deixam para trás a noção de deus, de imortalidade e coisas assim, mas sucumbem ao encanto de uma filosofia metafísica. Esta lhes parece também pouco digna de crédito, afinal; e a arte parece prometer cada vez mais, de modo que por algum tempo a metafísica só persiste e sobrevive transformada em arte, ou como disposição artisticamente transfiguradora. Mas o sentimento científico torna-se cada vez mais imperioso e leva o homem adulto à ciência natural e à história, sobretudo aos métodos mais rigorosos do conhecimento, enquanto a arte vai assumindo uma significação mais branda e mais modesta (NIETZSCHE, 2008, p. 170 - 171).

A partir da explanação supracitada, o objetivo desse trabalho é expor como as fases descritas por Nietzsche são exatamente as vivenciadas por ele até então, para, ao final, salientar que essa tese só é possível de ser levantada devido a compreensão que Nietzsche tem acerca da noção de ciência em *Humano, demasiado humano*, assim como seu papel para a liberação que aprisiona e, assim, conserva o atual modelo de homem. Apresentaremos os cinco estágios assinalados no aforismo: 1) a crença religiosa; 2) a destituição dessa crença; 3) a inclinação à metafísica; 4) a ilusão artística; 5) a investigação científica. Para o desenvolvimento do trabalho, utilizaremos, sempre que necessário, os relatos autobiográficos,

² Em “O Andarilho e sua sombra” Nietzsche enfatiza: “Melhorar o estilo - significa melhorar o pensamento, e nada senão isso! - Quem não o admite imediatamente, também jamais se convencerá disso” (2008, p. 131).

biográficos³ e as correspondências de Nietzsche⁴, com o intuito de acompanhar com maior fidedignidade possível as principais etapas da vida do filósofo. Passar por esse percurso nos auxilia a esclarecer como Nietzsche vincula vida e filosofia, experiência e pensamento.

A CRENÇA RELIGIOSA

Nietzsche nasce em 15 de outubro de 1844 no vilarejo de Röcken. Seu pai, era filho de pastor⁵, teólogo, e ocupava o cargo de pastor quando Nietzsche adveio ao mundo. Sua mãe, Franziska Oehler, era filha do pastor de Pobles, localizado próximo a Röcken⁶. Fatores que levaram Nietzsche a ser educado “na severidade luterana, na devoção e sob uma disciplina férrea” (ANDLER, 2016, p. 325). Portanto, “foi o lar pastoral evangélico que cunhou o legado de Nietzsche. Este marcou de forma decisiva toda a sua infância e seu desenvolvimento inicial” (JANZ, 2016, p. 36). Nietzsche recebe em seus primeiros anos de vida toda a carga dos valores e costumes cristãos: “O cristianismo da casa paterna tornara-se para ele ‘uma epidemia de saúde’. O cumprimento dos deveres cristãos o satisfaz como uma íntima alegria” (ANDLER, 2016, pág. 329). Toda a instrução religiosa de Nietzsche, portanto, parte de seus pais.

Com a morte do pai e, em pouco tempo depois, do irmão mais novo, Nietzsche, aos 5 anos de idade, vira a única figura masculina da família, fazendo com que sua mãe deposite nele a continuidade do legado de seu pai e de seus avôs: se formar em teologia e atuar como pastor protestante. Aos 14 anos, o “pequeno Fritz”, como Nietzsche era chamado carinhosamente por seus familiares⁷, escreve um

³ Em especial utilizamos duas biografias consagradas entre os comentadores: *Nietzsche: vida e pensamento* de Charles Andler; e *Friedrich Nietzsche: uma biografia* de Curt Paul Janz.

⁴ Presentes na edição *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe* (KSB).

⁵ Cf. ANDLER, 2016, p. 323.

⁶ Andler relata o fato de várias figuras de importância espiritual da Alemanha são oriundas de uma constituição familiar similar à de Nietzsche, na qual a concepção cristã está, normalmente, presente: “As famílias pastorais têm sido para a Alemanha um dos mais fecundos viveiros de homens de talento. Nietzsche veio de uma família de pastores, assim como Bach veio de uma família de músicos. Não há dúvida de que é preciso explicar assim a preocupação que ele sempre teve com o cristianismo” (ANDLER, 2016, p. 322).

⁷ Cf. JANZ, 2016, p. 43.

ensaio autobiográfico intitulado *Da minha vida*, no qual designa uma crença inabalável aos pressupostos cristãos em que estava inserido:

Pois, que instrutivo é poder observar a diversidade do desenvolvimento da inteligência e do coração, e a onipotência da Providência divina que os guia! [...] Já vivi muitas coisas, alegres e tristes, agradáveis e desagradáveis, porém, sem que em todas elas deus me guiaste com a mesma segurança que um pai a seu terno filho. Ainda que me foi imposto muito sofrimento, reconheço com veneração seu poder e sua majestade sobre todas as coisas (NIETZSCHE, 1997, p. 25).

É nesse período que Nietzsche parte para cursar o ensino secundarista alemão. Seu destino: Pforta, uma “pequena república escolar” (ANDLER, 2016, pág. 331), na qual dava grande apreço para a língua e a literatura alemã, mas acabava se detendo muito mais com os clássicos da Antiguidade. Tal formação será crucial para Nietzsche se apartar da doutrina cristã.

A DESTITUIÇÃO DA CRENÇA

O mundo de Pforta era um mundo do livro, da literatura, do conhecimento erudito e da disciplina estritamente intelectual. Neste mundo, Nietzsche vai gradativamente descobrindo autores que o fazem se abrir para novos horizontes além do cristianismo, tais como Schiller⁸, Novalis⁹, Alexander von Humboldt, Shakespeare e Byron. Mas foram os estudos da Antiguidade que predominaram o seu interesse, se dirigindo “para os escritores cuja forma é plástica e apaixonada, mas periódica e densa” (ANDLER, 2016, p. 332), como o caso do poeta latino Salústio¹⁰, no qual Nietzsche se deteve com mais atenção, citando-o em uma

⁸ Nietzsche descreve a experiência num relato autobiográfico: “Ontem li outra vez *Os ladrões* [de Friedrich Schiller]; cada leitura me produz uma impressão muito particular. As personagens me parecem quase sobrehumanos; um crê contemplar uma luta titânica contra a religião e a virtude na qual a onipotência celestial alcança uma vitória infinitamente trágica. Terrível é, finalmente, o desespero do imenso pecador, aumentada demasiadamente pelas palavras do pai” (NIETZSCHE, 1997, p. 42).

⁹ A importância de Novalis para Nietzsche é realçada por Andler: “[Nietzsche] aprende com Novalis que a resistência do mundo material talvez seja apenas a nossa falta de atividade e que, para nos oprimir, não existe outra fatalidade além da inércia do nosso espírito” (2016, p. 333).

¹⁰ Cf. *Idem*, p. 69. Sobre Salústio, o biógrafo descreve que o “atraiu nele foi, então, a relevância e o nervosismo, ou seja, o estilo moderno de Salústio, que, ainda em 1864, Nietzsche chama de escritor romano mais próspero e *florentissimus*” (*ibid.*).

redação escolar para a disciplina de latim¹¹. Aos 17 anos, Nietzsche indica à irmã, Elisabeth, a leitura da obra *A vida de Jesus*, ou *A história da Igreja*, de Karl Hase, autor descrito por Nietzsche como “o mais famoso defensor do racionalismo ideal”¹². Ambas as obras são caracterizadas por uma leitura histórico-crítica de Cristo e dos dogmas cristãos. Esse método histórico-crítico, muito cultivado em Pforta, vai sendo vivenciado cada vez mais por Nietzsche nessa etapa de estudos, o distanciando gradativamente da concepção cristã.

A mãe de Nietzsche, porém, não estava ciente por completo da postura que estava sendo adotada pelo filho, pois este não a confrontava¹³. Tanto que Nietzsche chegou a iniciar, ainda no mesmo ano, os estudos de hebraico como preparação para sua faculdade de teologia, plano este que ele ainda não havia abandonado justamente por causa de sua mãe, porém não avançou muito em seu domínio, o que demonstra o desinteresse de Nietzsche para os estudos de teologia¹⁴. Apesar de toda sua inclinação à investigação de cunho científico, ao terminar os estudos em Pforta, Nietzsche cede ao desejo de sua mãe e matricula-se na Faculdade de Teologia de Bonn¹⁵. Porém, Nietzsche não se concentra muito em seus estudos e pouco se empenha neles¹⁶, reborando a incompatibilidade desse curso com seu pensamento. A falta de interesse pela teologia se manifesta publicamente na Páscoa de 1865. Nietzsche, então com 20 anos, dirige uma carta a irmã constando uma reflexão decisiva para o seu futuro:

¹¹ Na obra *O crepúsculo dos ídolos* (1888), Nietzsche retrata este momento: “Meu sentido para o estilo, para o epigrama como estilo, despertou quase instantaneamente no contato com Salústio. Não esqueço o espanto de meu caro professor Corssen, quando teve que dar a melhor nota ao seu pior aluno em latim – fiz tudo em só folego. Conciso, austero, com a maior substância possível no fundo, uma fria malícia para com a ‘palavra bela’, o ‘belo sentimento’ – também nisso me descobri. Em mim se reconhecerá uma ambição muito séria do estilo romano, de ‘aere perennius’, até em meu Zaratustra” (NIETZSCHE, 2008, p. 101).

¹² Cf. *Carta a Elisabeth* de novembro de 1861.

¹³ Acerca da relação de Nietzsche com sua mãe no que diz respeito à religião nesse período, Janz relata: “no entanto, [Nietzsche] não falou sobre isso, principalmente quando estava em companhia de sua mãe, que não permitia nenhuma crítica à sua ortodoxia e que se sentiu fortemente agredida quando Nietzsche recomendou à sua irmã a leitura d’*A história da Igreja* e *A vida de Jesus* de Hase” (2016, p. 83-84). Após este acontecimento, Nietzsche reserva para si suas reflexões, mantendo “em segredo seus pensamentos críticos sobre o cristianismo, excluindo sua mãe e sua irmã de sua verdadeira vida espiritual” (*idem, ibidem*).

¹⁴ Cf. JANZ, 2016, p. 70.

¹⁵ Cf. *Id.*, p. 115.

¹⁶ Cf. *Id.*, p. 122.

É realmente tão difícil simplesmente aceitar tudo aquilo que aprendemos como crianças, que se arraigou com o passar dos anos, que é visto como verdade pelos círculos de parentes e de muitas pessoas boas e que realmente conforta e eleva a alma do ser humano; é realmente mais difícil do que traçar novos caminhos na luta contra o costume, na incerteza do passo independente [...]. Será que realmente importa encontrar uma concepção de Deus, do mundo e da reconciliação com a qual se possa conviver com o maior conforto, ou será que o pesquisador verdadeiro pouco se importa com o resultado de sua pesquisa? Será que o objetivo de nossa procura é a tranquilidade, a paz, a felicidade? Não, apenas a verdade, por mais feia e assustadora que seja [...]. Nisso se decidem os caminhos das pessoas, se você quiser paz de espírito e felicidade, creia; se você pretende ser um discípulo da verdade, pesquise (*Carta a Elisabeth de 11 de junho de 1865*).

Vemos aqui a expressão pura de uma pulsão filosófica fundamental de Nietzsche: o que importa ao investigador não é a verdade segura, mas a procura por ela. Deste modo, a escolha tem que ser tomada: por um lado, o conforto da crença, que a teologia proporcionaria; de outro, a inquietação do questionamento, da busca a todo custo pela verdade que somente o autêntico pesquisador abrange. Nietzsche escolhe o caminho da inquietação, abandonando de vez os estudos em teologia, ao passo que parte para Leipzig cursar filologia.

A INCLINAÇÃO À METAFÍSICA

A relação de Nietzsche com a filologia, na faculdade de Leipzig, é conflituosa: de afeição e dedicação por um lado, e de críticas e depreciação por outro. Nietzsche selecionava e tratava de poucos textos da Antiguidade, porém os analisava criticamente e os interpretava intensamente. Até que em 1865 Nietzsche teve contato com um autor que deixará uma impressão duradoura em seu pensamento: Arthur Schopenhauer. Numa carta endereçada ao amigo Erwin Rohde, Nietzsche relata, 6 anos após, de maneira quase profética, como ele se deparou pela primeira vez com Schopenhauer:

Num certo dia, encontrei esse livro no sebo do velho Rohn, e, sem conhecê-lo, tirei-o da prateleira e comecei a folheá-lo. Não sei que demônio sussurrou em um ouvido: 'leve este livro para casa'. Eu não costumava adquirir livros apressadamente. Em casa, lancei-me no canto do sofá munido do tesouro recém-adquirido e comecei a

deixar com que aquele gênio enérgico e sombrio fizesse efeito sobre mim [...]. Vi, aqui, um espelho no qual enxerguei o mundo, a vida e o próprio espírito numa grandiosidade terrível. Aqui, deparei-me com o olhar desinteressado da arte em todo seu brilho. Aqui vi doença e cura, banimento e refúgio, inferno e céu (*Carta a Erwin Rohde de 4 de agosto de 1871*).

O filósofo da vontade, junto com seu pessimismo, influencia tão imediatamente o jovem Nietzsche que em poucos meses depois solicita à mãe e à irmã que lhe deem de presente de Natal as obras *Parerga e Paralipomena* de Schopenhauer e *Schopenhauer e sua filosofia* de Heim¹⁷. A experiência filosófica obtida com o autor de *O mundo como vontade e como representação* trouxe a Nietzsche o conteúdo efêmero da vida que se encontra por trás de toda forma de ilusão, como o caso da arte e da ciência. Nietzsche admite que “desde que Schopenhauer retirou dos nossos olhos a venda do otimismo, a vida tornou-se mais interessante, mesmo que mais feia” (*Carta a Mushacke de 12 de julho de 1866*). Nietzsche, nesse período se identifica e se alia em muitos temas da metafísica schopenhaueriana, propagando a importância da leitura dos textos do filósofo da Vontade para todos seus contatos próximos.

A ILUSÃO ARTÍSTICA

Em agosto de 1868, aos 23 anos, ocorre mais um acontecimento que marcará a vida e o pensamento de Nietzsche: trata-se da amizade com Richard Wagner. Logo após se encontrar com o músico, Nietzsche descreve desse modo a sua experiência: “Tive uma longa conversa com ele sobre Schopenhauer: ah, e você entenderá o prazer que senti ao ouvi-lo falar bem dele com calor indescritível, sobre o que lhe devia, sobre como Schopenhauer era o único filósofo que reconheceria a essência da música” (*Carta a Rohde de 9 de novembro de 1868*).

O encanto de Nietzsche por Wagner, apesar da diferença de idade entre ambos¹⁸, foi imediato. O jovem alemão, que até o momento havia conhecido

¹⁷ Cf. *Carta a Franziska e Elisabeth Nietzsche de 9 de dezembro de 1865*.

¹⁸ A diferença de idade entre Nietzsche e Wagner se torna importante, como relata Andler, pelo fato de “o pensamento de Wagner estava fixado, enquanto do jovem amigo estava em plena formação. Mais cedo ou mais tarde, eles estariam em absoluto desacordo” (2016, p. 431).

apenas personalidades vinculadas à atividade científica, “em Wagner, encontrou pela primeira vez um grande artista criativo, que despertou em Nietzsche todos os sonhos recalçados e secretos” (JANZ, 2016, p. 206). O interesse em comum acerca do pensamento de Schopenhauer os aproximaram e permitiram a ambos cultivar não apenas a amizade, mas, também, posições estéticas e filosóficas com o intuito de, a partir de uma crítica à modernidade, projetar um modelo de cultura para a Alemanha na qual a arte seja protagonista, como escreve Janz:

E este homem [Wagner] tinha o mesmo deus¹⁹ - Schopenhauer - e nutria o mesmo desprezo pelos poderes dominantes no reino do espírito, pelos ‘servos filosóficos’. Além do poder de sua música, ele tinha outro poder espiritual ainda maior: a renovação da cultura alemã, pela qual a alma de Nietzsche também ansiava (JANZ, 2016, p. 207).

Nietzsche se alia na convicção de Wagner em uma renovação da cultura alemã por meio de uma revolucionária obra estética²⁰ que traga os valores genuinamente germânicos. Convicção que é fortalecida com a leitura das poesias de Wagner e de seu tratado sobre arte intitulado *Ópera e música* (1850)²¹, que fará com que Nietzsche atribua ao músico a nomenclatura de gênio, no sentido designado por Schopenhauer: “Wagner, como conheci agora em sua música, em suas poesias, em sua estética e, sobretudo, em um feliz encontro com ele, é a mais concreta ilustração daquilo que Schopenhauer chama de gênio: sim, a semelhança de todos os traços individuais saltam aos olhos” (*Carta a Rohde de 9 de dezembro de 1868*).

Em meio a todo esse processo de fecundação filosófica e engajamento artístico, em 1869, Nietzsche assume o cargo de professor de filologia clássica na faculdade da Basileia, levando-o a declarar, no ano seguinte, que “Ciência, arte e filosofia crescem tão juntas em mim, que um dia parirei centauros” (*Carta a Rohde de abril de 1870*). No entanto, o primeiro livro publicado de Nietzsche, a saber, *O*

¹⁹ O termo deus aqui deve ser entendido como uma metáfora. O pensamento schopenhaueriano representa, também para Wagner, um horizonte filosófico a se basear, como a figura de um mestre, e não um credo inquestionável similar à religiosidade.

²⁰ Andler ressalta que “Wagner considerava que a arte é o meio educativo de favorecer a eclosão dos gênios, e que por meio dela acende-se paulatinamente o pensamento criador em todos os homens” (2016, p. 434).

²¹ Cf. JANZ, 2016, p. 208.

nascimento da tragédia (1871), tem seu prefácio, que é dedicado a Richard Wagner, a seguinte asserção: “A arte é a tarefa suprema e a atividade propriamente metafísica desta vida” (NIETZSCHE, 1992, p. 26). Nesse livro, Nietzsche defende a tese de que “só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificarse eternamente” (NIETZSCHE, 1992, p. 47)²², demonstrando, portanto, a importância da arte para compreensão e afirmação do mundo em sua totalidade.

A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Humano, demasiado humano é descrito por Nietzsche, 10 anos após a sua publicação, como o

monumento de uma crise. Ele se proclama um livro para espíritos livres: quase cada frase, ali, expressa uma vitória – com ele me libertei do que não pertencia à minha natureza. A ela não pertence o idealismo: o título diz ‘onde vocês veem coisas ideais, eu vejo – coisas humanas, ah, somente coisas demasiado humanas!’ (NIETZSCHE, 1995, p. 72).

No prólogo redigido em 1886, Nietzsche utiliza a expressão “grande liberação” (*grossen Loslösung*) (NIETZSCHE, 2000, p. 9) para designar o escrito. Essa crise, que causará a grande liberação de tudo aquilo que não pertence à sua natureza, se refere às concepções metafísicas e artísticas que permeiam os escritos antecedentes. Tal liberação é imprescindível para Nietzsche conquistar sua perspectiva filosófica própria, autêntica²³. Desse modo, após romper com o projeto wagneriano, Nietzsche faz uma viagem rumo a Sorrento. D’Iorio detalha essa viagem e ressalta que nela ocorreu a transformação na filosofia nietzschiana que seria exposta ao público com o advento de *Humano, demasiado humano*: “Em Sorrento, Nietzsche renega sua fase wagneriana, retoma certos saberes de sua formação filosófica e filológica e se abre ao pensamento da modernidade, à história,

²² Cf. a interpretação de Fink: “O *Nascimento da tragédia* é, na realidade, uma metafísica de artista, uma interpretação do todo universal que segue o fio condutor da arte” (1988, p. 25).

²³ Nesse sentido, acompanhamos Colli, que ressalta: “*Humano* não é para compreender como reação, favorecida por uma falha da amizade, a uma visão de do mundo fortemente influenciada por Wagner, mas como posição conquistada através do amadurecimento dos pensamentos que a ligação com Wagner, mesmo tendo-os primeiramente provocado, ou pelo menos enriquecido, havia, todavia, no fim, dificultado” (2000, p. 53).

à ciência” (D’IORIO, 2014, p.11). É fora da Alemanha, portanto, que ocorre a transição da arte para a história e a ciência no pensamento nietzschiano. Elas se tornam imprescindíveis como método para a investigação filosófica. Isso não acarreta a inviabilidade da arte, assim como da religião, pois ambas possuem grande relevância na cultura humana. Mas, nesse momento da reflexão nietzschiana, tanto a atividade artística como a religiosa antecedem a investigação científica: “Poderíamos renunciar à arte, mas não perderíamos a capacidade que com ela aprendemos: assim como podemos renunciar à religião, mas não às intensidades e elevações adquiridas por meio dela (...). O homem científico é a continuação do homem artístico²⁴” (NIETZSCHE, 2000, p. 141).

Temos, assim, os cinco estágios retratados por Nietzsche no aforismo *Os anéis de crescimento da cultura individual*²⁵ de *Humano, demasiado humano*. No entanto, o filósofo adverte para a importância de passar pelas fases descritas, sobretudo, a estética: “A passagem da religião para a concepção científica é um salto violento e perigoso, algo a ser desaconselhado (...). É melhor recorrer à arte para fazer uma transição (...). Partindo da arte, pode-se passar mais facilmente para uma ciência filosófica realmente libertadora” (NIETZSCHE, 2000, p. 35). Enfim, é o sentimento científico que “leva o homem adulto à ciência natural e à história” (NIETZSCHE, 2000, p. 171). Esse sentimento libertador é o que orientará, a partir de agora, a atividade filosófica de Nietzsche.

CONCLUSÃO

²⁴ No aforismo 251 de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche enfatiza que em uma cultura superior, a arte, metafísica e a religião devem conviver com a ciência, ou seja, uma não necessita negar a outra, mas, desde que não se conglomerem, devem buscar um equilíbrio saudável: “Uma cultura superior deve dar ao homem um cérebro duplo, como que das câmaras cerebrais, uma para perceber a ciência, outra para o que não é ciência; uma ao lado da outra, sem se confundirem, separáveis, estanques; isto é uma exigência de saúde” (NIETZSCHE, 2000, p. 158 -159).

²⁵ Frezzatti Jr. ressalva que o enfoque de Nietzsche para tratar as fases do processo histórico emerge diversas vezes no interior do escrito de 1878: “A linha dos acontecimentos, em *Humano, demasiado humano I*, segue etapas ou mesmo ciclos. As metáforas sobre esse tipo de passagem do tempo são várias nessa obra. Os anéis anuais de crescimento de uma árvore representam as fases do desenvolvimento espiritual individual como análogo ao da cultura. Para recuperar a cultura dos pais, o filho tem de gastar quase toda a energia herdada, e o pouco excedente serve para ir adiante, o que é análogo ao acréscimo de mais um anel no tronco da árvore. O excedente existe porque refazer o caminho dos pais é mais rápido que o tempo original gasto” (FREZZATTI JR., 2018, p. 24).

A tese de que a história humana dos últimos trinta mil anos pode ser sintetizada nos primeiros trinta anos da vida de um homem, Nietzsche extrai de suas próprias vivências. Mais do que meramente afirmar a si próprio, argumentando a favor da necessidade de passar pelos estágios que o próprio autor passou, para, assim, atingir a almejada maturidade, tal tese só se torna legítima devido a noção de ciência lançada por Nietzsche em *Humano, demasiado humano*, na qual possibilita que seja feito esse tipo de especulação a partir das experiências vividas. O filósofo alemão não concebe a ciência como um saber que busca regularidades a partir de leis, ou seja, procura o idêntico para negligenciar as diferenças. Ao contrário, a ciência visa desmascarar todos os erros oriundos da razão que cristalizam a existência, para, por meio de experimentos, enaltecer o diferente em detrimento do idêntico. Nesse sentido, no aforismo 292 de *Humano demasiado humano*, intitulado *Avante*, Nietzsche dá sequência a argumentação exposta no aforismo 272, em que trata dos estágios da cultura espiritual, alegando que conhecer o passado é fundamental para não cometer os mesmos erros no futuro, isso não significa se ressentir sobre o transcorrido, já que este é indispensável para o crescimento, conforme afirma o filósofo alemão: “É preciso ter amado a religião e arte como a mãe e a nutriz - de outro modo não é possível se tornar sábio. Mas é preciso poder olhar para além delas, crescer além delas; permanecendo sob seu encanto não as compreendemos” (NIETZSCHE, 2000, p. 179). Propor ao homem examinar o seu próprio passado e identificá-lo com o passado humano, portanto, é uma condição que o permite liberar para criar concepções ainda não vislumbradas. Com a máxima “seja como for, seja sua própria fonte de experiência!” (NIETZSCHE, 2000, p. 179), Nietzsche assume uma via de acesso às perspectivas livres da religião, da arte e da metafísica, via essa que o filósofo alemão vai perpassando, ou melhor, experimentando nos escritos posteriores a *Humano, demasiado humano*.

REFÊRENCIAS

ANDLER, Charles. *Nietzsche: vida e pensamento*. Tradução de Regina Schöpke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto - Editora PUC-Rio, 2016, vol. I.

COLLI, Giorgio. *Escritos sobre Nietzsche*. Tradução de Maria Filomena Molder. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2000.

D'ORIO, Paolo, *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Trad. de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2014.

FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Tradução de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

FREZZATTI JR., W.A. As noções de história na *II Consideração Extemporânea* e em *Humano, demasiado humano*. *Cadernos Nietzsche*, v. 39, n. 1, 2018, pp. 9-30.

JANZ, Curt Paul. *Nietzsche: uma biografia*, 3 volumes. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe. Hrg. Von G. Colli und M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978, 15 b.

_____. *Correspondencia*. Volume I, junho 1850 - abril 1869: Trad. Luis Enrique Guervós. Madrid: Editorial Trota, 2005.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *De mi vida: escritos autobiográficos de juventude (1856 - 1859)*. Trad. De L. F. Moreno Claros. Madrid: Valdemar, 1997.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Humano, demasiado humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.